

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT17.018

A RELAÇÃO CAMPO-CIDADE E RURAL-URBANO NAS AULAS DE GEOGRAFIA DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE UNIÃO DOS PALMARES-ALAGOAS

Mauricio Luiz dos Santos¹Clélio Cristiano dos Santos²Thais Patrícia Paulino da Silva³

RESUMO

O tema relação campo-cidade e rural-urbano vem se tornando cada vez mais relevante nas últimas décadas, sendo debatido nas ciências humanas e sociais. No atual período histórico, em razão do avanço da ciência e da técnica, e de sua expansão pelo espaço geográfico, a dinâmica socioespacial torna-se cada vez mais complexa, sendo cada vez mais difícil distinguir esses espaços. Nesse sentido, campo e cidade passaram por grandes transformações que resultaram em novas dinâmicas socioterritoriais, exigindo a necessidade de rediscutir os conceitos de rural e urbano. A Geografia na educação básica necessita de novas práticas pedagógicas, de forma que os docentes consigam acompanhar as transformações sociospaciais e que seja possível ensinar esses conteúdos aos discentes, para que compreendam as dinâmicas que

- 1 Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), mauricioluizdossantossantos@gmail.com;
- 2 Professor Adjunto do Curso de Licenciatura em Geografia da (UNEAL) e da Universidade de Pernambuco (UPE), Professor do Programa de Mestrado em Dinâmicas Territoriais e Cultura (PRODIC-UNEAL), clelio.santos@uneal.edu.br;
- 3 Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), tatypjmp@gmail.com.

caracterizam o atual período histórico. A partir da constatação das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais existentes entre os espaços rural e urbano, analisou-se, em 2021, como a temática em estudo se insere nas aulas de Geografia de uma escola rural palmarina. A partir de uma abordagem crítica, a pesquisa se encontra fundamentada na dialética. Trata-se de uma pesquisa quali quanti caracterizada pela necessidade de dados que possibilitam tanto uma análise estandardizada da realidade, quanto uma análise processual, descritiva e discursiva. Para tanto, entrevistou-se o docente da disciplina e foram aplicados 25 questionários, sem rigor estatístico, com os discentes do 6º e 9º ano. Constatou-se, através dos resultados, que o ensino de Geografia segue uma abordagem tradicional, com viés dicotômico, tratando a relação campo-cidade e rural-urbano em viés antagônico, com a maioria dos entrevistados afirmando não conhecer a existência dessas relações no espaço. Reafirma-se, assim, a necessidade de um ensino voltado para uma leitura crítica de mundo, capaz de enxergar as particularidades e as singularidades das territorialidades espaciais.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Espaço Urbano. Espaço Rural. Híbridez Espacial.

INTRODUÇÃO

A ciência geográfica, que tem como objeto de estudo o espaço geográfico, busca analisar a ação humana modelando a superfície terrestre, isto é, o entendimento das ações da sociedade se apropriando e transformando o território. Assim, a partir da noção de espaço proposta pelo geógrafo Milton Santos (2009), é possível apreender a natureza do espaço em sua totalidade, uma forma-conteúdo, um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações.

No atual período histórico, o meio técnico-científico-informacional, caracterizado pela profunda interação entre a ciência, técnica e principalmente pela difusão da informação, as transformações introduziram-se profundamente no espaço, penetrando tanto no campo quanto na cidade, trazendo alterações em suas dinâmicas culturais, sociais, ocasionando em novas formas e funções, resultando em uma dificuldade em distinguir seus conteúdos, ou seja, o que é urbano e o que é rural.

A partir da década de 1970, o Brasil passa por um processo de transformações impulsionados pela industrialização, a irradiação das técnicas no espaço e a influência do capital. Esses eventos resultam em mudanças significativas nas territorialidades dos lugares, profundamente afetados pela modernização e urbanização, alterando as dinâmicas tanto do campo, quanto da cidade. Desse modo, essas mudanças resultam em novas dinâmicas socioterritoriais nos âmbitos políticos, econômicos, sociais e culturais causando novas funcionalidades a esses recortes espaciais, e trazendo consigo a necessidade de discutir os significados dos conceitos de rural e urbano (Hespanhol, 2013).

A temática campo-cidade e rural-urbano tem sido objeto de intensos debates nas ciências humanas e sociais nas últimas décadas. Na ciência geográfica, foi a partir dos anos de 1990 que esse debate ressurgiu, destacando a geografia uma ferramenta essencial para entender e analisar as transformações do espaço geográfico. No contexto brasileiro, essa discussão tem ganhado cada vez mais espaço, especialmente no campo da

geografia, onde busca-se identificar elementos que possam ser subsídios para uma análise aprofundada da complexidade do mundo frente à globalização.

A pesquisa tem como objetivo analisar como a relação campo-cidade e rural-urbano se insere nas aulas de Geografia na escola municipal Pedro Cândido da Silva, por meio da compreensão que os discentes e docentes apresentam sobre a temática, visando contribuir de forma reflexiva para o processo de ensino-aprendizagem de geografia no ensino fundamental. Além disso, busca-se identificar as concepções teórico-metodológicas que o docente de geografia observado apresenta sobre o tema abordado em relação à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as práticas pedagógicas utilizadas pelo docente nas aulas da disciplina, além de investigar a compreensão que os discentes apresentam sobre o assunto proposto.

METODOLOGIA

A partir de uma abordagem crítica, esta pesquisa fundamenta-se no método de abordagem dialético, especificamente no materialismo histórico-dialético. Este método fornece um conjunto de instrumentos teóricos para a captação e interpretação dos fatos sociais e da dinâmica espacial (Souza, 2014). O materialismo histórico-dialético é essencial para compreender a realidade social de maneira profunda, permitindo a análise das relações e contradições presentes na sociedade.

De acordo com Engels (2015), a dialética é crucial para enxergar o mundo como um processo contínuo de transformações, em vez de um aglomerado de coisas estáticas e acabadas. Engels argumenta que a dialética nos permite perceber a sociedade como um conjunto dinâmico de relações e processos interconectados. Como afirma Santos (2011, p. 17), [...] “o mundo é confuso e confusamente percebido”, ressaltando a complexidade e a interdependência dos fenômenos sociais.

Lakatos e Marconi (2003, p. 101) complementam essa visão ao afirmar que nada existe de forma isolada, mas sim como parte de um todo unido.

Eles destacam que a sociedade é composta por objetos e fenômenos que estão organicamente interligados e condicionados reciprocamente. Nesse sentido, cada espaço, lugar e território contém elementos, símbolos e eventos que possuem particularidades, mas que, quando considerados em conjunto, formam uma totalidade coerente. No contexto desta pesquisa, essa totalidade refere-se ao território nacional.

Quanto à natureza dos dados, trata-se de uma pesquisa quali quanti, caracterizada pela necessidade de dados que possibilitam tanto uma análise estandardizada da realidade, embasada em dados estatísticos, quanto uma análise processual, descritiva e discursiva, alicerçada na observação direta através de entrevistas, questionários e/ou formulários, e outros instrumentos e técnicas de pesquisa.

Nesse âmbito, os métodos procedimentais histórico, comparativo, estatístico, espacial e o estudo de caso, associados às técnicas de coleta de dados como pesquisa bibliográfica e documental, aplicação de formulários, realização de entrevistas informais e de registros fotográficos, e o mapeamento dos fenômenos, possibilitarão apreender o objeto de estudo a partir de um quadro de referência marxista.

A pesquisa foi desenvolvida na escola Pedro Cândido da Silva, localizada no espaço rural de União dos Palmares. Município situado na Mata Alagoana, distando 73 km da capital. Possui uma área territorial de 420,376km² e uma população de 59.280 habitantes (IBGE, 2022). Integra a Região Geográfica Intermediária de Maceió, a Região Geográfica Imediata de União dos Palmares, da qual a sua sede é polo, e a Região de Planejamento Serrana dos Quilombos, constituindo-se também no seu município polo.

De acordo com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), o município tem 25 escolas municipais: 13 urbanas e 12 rurais, atendendo, respectivamente, 11.785 alunos e 596 docentes. Sendo 6.641 alunos e 312 docentes nas escolas urbanas, e 5.144 alunos e 284 docentes nas rurais. A escola estudada está a 18 km da sede e atende 163 alunos da educação infantil à EJA, nos períodos matutino, vespertino e noturno.

A pesquisa concentrou-se em duas turmas, uma do 6º e outra do 9º ano do ensino fundamental, com o objetivo de compreender a visão dos alunos sobre a relação campo-cidade e rural-urbano. Por meio de visitas e atividades de observação, a atividade durou 1 mês na escola observada.

Aplicou-se um questionário com 25 perguntas ao docente e 22 perguntas aos alunos para avaliar como abordam e entendem a relação campo-cidade e rural-urbano. Trabalhou-se com uma amostragem não probabilística, visando uma análise quali-quantitativa. A pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas (FAPEAL).

A RELAÇÃO CAMPO-CIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A geografia é uma ciência que está preocupada com o movimento do mundo e das coisas. Por meio da dinâmica espacial, busca compreender a relação homem-natureza e as transformações geradas pelos fenômenos que compõem o espaço geográfico. Visto como uma instância social, produto histórico transformado pelo homem e principal objeto de estudo da Geografia. “O espaço como estrutura social, capaz de agir e de reagir sobre as demais estruturas da sociedade e sobre esta como um todo” (Santos, 1987, p. 145).

Nesse sentido, faz-se necessário o ensino e o estudo da geografia de forma que considere o espaço e os seus agentes modeladores. Assim, a geografia escolar deve buscar estruturar-se a um olhar mais integrador e aberto “[...] tornando-se uma ciência mais plural” (Cavalcanti, 2010, p.18-19).

Nessa perspectiva, a geografia escolar deve ser a base para a construção de um pensamento crítico nos educandos por meio da apreensão do espaço e suas espacialidades. Os docentes devem proporcionar o ensino e o aprendizado de forma multidisciplinar, desenvolvendo capacidades e habilidades para a compreensão dos fenômenos geográficos, além de raciocinar e interpretar os elementos da realidade.

A consideração da geografia escolar como uma maneira específica de raciocinar e de interpretar a realidade e as relações espaciais, mais do que uma disciplina que apresenta dados e informações sobre lugares para que sejam memorizados, aproxima a disciplina dos princípios construtivistas. (Cavalcanti, 2010, p. 35).

Segundo Cavalcanti (2010), o primeiro passo como metodologia do ensino da geografia escolar é colocar o aluno no centro, sendo o sujeito do processo de ensino. O docente vai fazer o papel de mediador no processo de formação do educando, favorecendo e propiciando a inter-relação entre sujeitos e meio, dentro do âmbito escolar.

Nesse processo de ensino e aprendizagem na geografia escolar, é necessário a utilização de uma abordagem que priorize as escalas espaciais nos conteúdos ministrados. O Profissional docente, por meio das escalas macro e micro, do global ao local, conduzirá os educandos a interpretar e compreenderem seu espaço vivido. Assim

O professor deve captar os significados que os alunos dão aos conceitos científicos que são trabalhados no ensino. Para formar um pensamento espacial, é necessário que eles formem conceitos geográficos abrangentes, que são ferramentas fundamentais para compreender os diversos espaços, para localizar e analisar os significados dos lugares e sua relação com a vida cotidiana (Cavalcanti, 2010, p.7).

Segundo Souza e Freitas (2016), o território brasileiro passou por novas transformações que resultaram em novas dinâmicas, que influenciadas pelo processo de modernização e urbanização, adentraram o campo e a cidade, transformando suas dinâmicas sociais. A geografia enquanto ciência do espaço busca entender essas mudanças que se tornaram fundamentais para o processo de configuração espacial.

Para ter o entendimento sobre as relações campo-cidade, primeiramente é preciso buscar uma compreensão acerca do seu par dialético: rural e urbano (Hespanhol, 2013, p. 104). Assim, é preciso enxergar e distinguir com clareza seus significados. Conforme afirma Whitacker (2010), a distinção entre campo, cidade e rural e urbano se faz necessária pois

cidade e campo se caracterizam por serem formas espaciais, enquanto que urbano e rural são conteúdos e contingentes.

Assim, cabe a reflexão sobre a natureza de espaço geográfico, que de acordo Milton Santos (2008) se concebe por meio da relação entre objetos e ações, organizados como um sistema. Assim,

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de um sistema de objetos e sistemas de ações. Não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. (Santos, 2008, p. 63).

Os objetos são as formas criadas pelo homem nos lugares, as ações são as forças conduzidas por meio da dinâmica social, sendo essas responsáveis pelo processo de configuração territorial. Nesse sentido, o autor propõe o espaço como resultado da inseparabilidade de objetos e ações, a partir da ideia da forma-conteúdo, propondo um espaço híbrido, um misto, unindo o processo e o resultado, a função e forma, passado e futuro, objeto e sujeito (Santos, 2008, p. 103).

Seguindo essa linha de forma-conteúdo, campo e cidade são sinônimos dos espaços rural e espaço urbano. Campo e Cidade representam formas concretas, materializadas pelo homem na paisagem (Biazzo, 2009). Rural e Urbano são conteúdos geridos a partir das relações sociais. Assim, diante das relações produzidas, campo e cidade representam as formas, e rural e urbano constituem seus modos de vida (conteúdos).

Quando se aborda a relação campo-cidade e rural-urbano por meio do ensino de geografia, muitas vezes ainda é constatado uma análise dicotômica. Nessa abordagem, o campo é tratado de forma atrasada, ligada ao atraso e a conteúdos obsoletos, enquanto que a cidade é apontada como o local da rapidez e do progresso, detentora das melhores técnicas e serviços. Desse modo, existe uma visão de oposição entre os espaços, muitas vezes ilustrados nos livros de geografia.

Cabe ao docente, buscar meios e estratégias que superem essa visão dicotômica, distorcida e artificial, que não responde mais a realidade do

espaço geográfico. O ensino de geografia deve preparar os educandos, sobretudo, na sala de aula, a interpretar e diferenciar as características e elementos que compõem a cidade, o campo, o rural e o urbano.

O docente como um grande mediador, tem um papel crucial no processo de ensino e aprendizagem, pois a Geografia não é mais uma disciplina descritiva, pois está presente em todos os aspectos da sociedade. Assim, o educador carrega consigo a responsabilidade de formar cidadãos, indivíduos críticos capazes de compreender a realidade, no qual estão inseridos, seja tanto no campo, quanto na cidade.

O entendimento e estudo das relações campo-cidade e rural-urbano devem ser cautelosamente abordados para os alunos da educação básica, passando pela construção dos conceitos de ambos os espaços e outros conceitos geográficos necessários para o entendimento dos discentes. Deve haver, portanto, uma discussão sobre qual conteúdo e conceito apresentar em sala de aula, de forma que tal estudo, alimentado pela discussão teórica, transcenda esse âmbito para alcançar e destacar a realidade empírica (Souza; Freitas. 2016, p.100). Assim,

É válido que o professor desenvolva, em princípio, essa capacidade de pensar geograficamente, e, ainda mais, que tenha consciência da relevância dessa capacidade para a vida cotidiana de todos os alunos. Essa consciência o ajudará a orientar seu trabalho com finalidades formativas mais consistentes, superando o mero “repasso” de conhecimentos (Cavalcanti, 2019, p. 102).

Nesse sentido, segundo a Lana Cavalcanti, faz-se necessário um olhar sobre a forma como o professor pode ministrar suas aulas. Ele deve partir da abordagem do cotidiano dos educandos, trazendo a categoria lugar, como espaço do vivido e orientar os trabalhos em sala de uma forma mais consistente, e não apenas de um ensino da geografia meramente tecnicista. Ensinar geografia é analisar as relações sociais, culturais, políticas e as transformações antrópicas e naturais no espaço geográfico. Compreender as nuances de cada lugar e suas particularidades requer

um entendimento dos significados de campo e cidade enquanto formas e rural e urbano como seus conteúdos sociais. O educador deve inserir os alunos na realidade geográfica, pois os alunos, em atividade escolar, entram em relação com o mundo de modo mediado por um conjunto de instrumentos materiais e simbólicos (Cavalcanti, 2019. p. 198).

A relação campo-cidade no ensino de geografia é essencial para entender os avanços sociais e as nuances territoriais em diferentes escalas. O ensino deve buscar conectar e integrar campo, cidade, rural e urbano de maneira interdependente, superando dicotomias e refletindo a evolução da ciência geográfica. Dessa forma, os alunos compreenderão melhor essas transformações durante o processo de ensino-aprendizagem.

O pensamento crítico é um fator importante no processo de ensino e aprendizagem da geografia, pois a criticidade nasce sobre o debate das contradições de diferentes leituras de mundo e como cada indivíduo enxerga a sociedade. Negar essas contradições é também fazer com que os indivíduos não sejam capazes de compreender o mundo de forma crítica. Assim, os componentes curriculares de geografia na BNCC pouco abordam a palavra “crítica”, e menos ainda o termo “classe social”, deixando de lado os problemas e contradições existentes na sociedade atualmente.

Nenhuma referência ao termo “contradição”, em nossa perspectiva é negar as contradições do mundo atual, diretamente vinculadas ao processo de desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo, não contribui para a formação de um sujeito social capaz de ver o mundo em diferentes escalas, problematizando e construindo ações individuais e coletivas (Giroto, 2019, p.199).

Dessa forma, analisar a temática sobre relação campo-cidade e rural-urbano no ensino de geografia é um papel também social, pois envolve ter conhecimento das funções territoriais e econômicas que decorrem das relações. No âmbito da geografia, o educador precisa ter leitura espacial e conduzir sua aula de maneira responsável e não excludente, apresentando as conexões e interdependências entre os espaços.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A concepção das relações campo-cidade e rural-urbano a partir da prática docente envolveu apenas um profissional, que atua lecionando geografia nas duas turmas analisadas. Na visão do docente, campo é algo oposto da cidade, local em que a produção agropecuária é dominante, caracterizada pela maneira de viver de sua população, como costumes e hábitos. Ainda de acordo com as concepções do docente, a cidade é o lócus das concentrações populacionais e das melhores condições de vida, devido à oferta de serviços e políticas públicas. O docente caracteriza a cidade como local da diversidade econômica, exemplificando a partir de manifestações como a feira livre e o comércio em seu entorno. Ainda de acordo com suas análises, o mesmo caracterizou rural e campo como sinônimos, associado a natureza, com pouca poluição e com ar puro. Ao ser questionado sobre o que seria urbano, foi classificado como a parte mais populosa do município.

A essas análises, pode-se classificar como uma visão antagônica ou dicotômica, no qual as características socioterritoriais entre os espaços são desconsideradas, isto é, não é considerado qualquer tipo de relação entre os espaços e é feita uma análise separatista, em que cidade é tratada como sinônimo de urbano e campo é tratado da mesma forma com o rural.

Conforme afirma Marques (2002, p. 100), o campo é visto como atrasado e a cidade como o símbolo do progresso, refletindo uma visão dualista. Embora rural e urbano sejam considerados sinônimos de campo e cidade, respectivamente, essa distinção não foi abordada diretamente, indicando uma compreensão pouco efetiva sobre o tema.

Durante a análise das suas aulas, de modo geral, tanto nas turmas do 6º quanto do 9º ano, observou-se uma recorrência nas práticas pedagógicas, com o docente utilizando o livro didático em suas aulas com frequência e seguindo uma linha de abordagem de cunho tradicional. Essa metodologia deixou os alunos consideravelmente desinteressados nas aulas de

Geografia, o que tornou também a compreensão sobre alguns conteúdos pouco efetiva.

Para temas tão complexos, é preciso ter metodologias diferentes, inovadoras ou até mesmo ativas e não ficar totalmente dependente do livro didático, conforme afirma Souza; Freitas

O livro didático sempre foi um instrumento importante do processo de ensino-aprendizagem nas escolas. Mas, nos últimos anos, com o advento de novas tecnologias, ele perdeu parte de sua importância e começou a ceder lugar a essas tecnologias como: projetores de vídeos e imagens, aparelhos de informática, aparelhos de som e ainda aplicativos de smartphones e tablets. (Souza; Freitas, 2016, p. 102).

A partir do uso de novas metodologias, é possível tentar diminuir as lacunas deixadas sobre o tema para ir além das aulas de geografia, e ir também para o aspecto social dos alunos. Cabe ao educador o papel de repassar um ensino crítico a partir de suas práticas pedagógicas que proponha aos alunos um raciocínio geográfico que vise a percepção das contradições sociais. Assim,

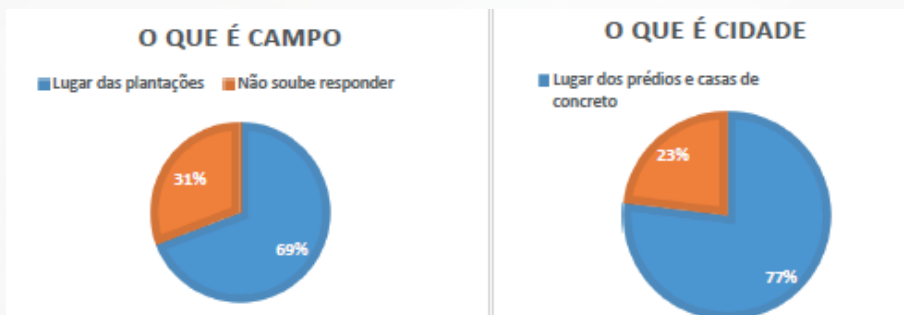
[...] compete o papel do professor de geografia comprometido com a formação de qualidade do estudante, sobretudo do campo: ajuda-lo a desvendar as máscaras da perversa (re) organização socioespacial e lutar pela transformação das condições que lhe impede de viver com dignidade no campo (Batista, 2018, p. 132).

O educador busca engajar seus alunos de formas diversas, como feiras de ciências e atividades escolares de campo, para que eles encarem a disciplina com mais seriedade. Apesar de seus esforços, análises da prática docente e da percepção sobre a relação campo-cidade confirmam uma visão dicotômica, especialmente nos aspectos comerciais e produtivistas. Assim, o geógrafo não deve analisar o tema pelo viés econômico, produtivo e mercadológico, mas destacar a diversidade de ideias e características que compõem estes lugares (Alves, 2012).

CONCEPÇÃO DOS DISCENTES DO 6º ANO EM RELAÇÃO A TEMÁTICA

Em relação aos educandos avaliados no 6º ano, a turma em questão é composta por 15 alunos. Desses, 69% (9) possuem 11 anos e os outros 31% (4) estão com 12 anos de idade. Quanto ao sexo, 62% (8) é do sexo feminino e 38% (5) do masculino. Todos são do espaço do espaço rural, e em sua maioria, residem próximos ao perímetro da escola.

Os alunos responderam perguntas simples e objetivas, visando analisar suas concepções sobre o que seria campo, cidade, rural, urbano e suas relações no espaço. Conforme mostram os gráficos a seguir, os alunos compreenderam da seguinte forma:



Sobre o que seria campo, 69% dos alunos (10) identificam como lugar das plantações, de predominância da mata e principalmente por ser o lugar dos animais. Ainda destacaram outras características como lugar do trabalho e como uma paisagem natural. Os outros 31% (3) restantes não souberam responder ou caracterizar esse espaço.

Em relação às concepções sobre o que seria cidade, 77% (11) dos entrevistados apontaram como o lugar onde se encontram os prédios, em que há predominância das casas de feitas de concreto (alvenaria) e que se nota a presença de carros em abundância. Ainda houveram outros apontamentos, como lugar onde predomina o calçamento, e também o que seria a “rua”. Ademais, os outros 23% (2) restantes não souberam caracterizar ou identificar.

A turma em questão apresentou muitas dificuldades em conceituar ou apresentar qualquer diferença entre os espaços, principalmente

quando abordou-se sobre rural e urbano, no qual 50% responderam que o rural é a mesma coisa que o campo, um lugar em que é possível encontrar fazendas, animais, casas e no qual se realiza trabalhos. Os outros 50% não souberam responder.

Mediante a concepção de espaço urbano, 31% dos alunos responderam que entendem o urbano como a mesma coisa da cidade, com as mesmas características, e que tudo que é urbano é a cidade. Sem exemplificações, apenas uma identificação com os determinados espaços sendo sinônimos. Os outros 69% restantes não souberam responder a pergunta, deixando-a sem resposta.

Quando perguntados sobre quais seriam as relações campo-cidade e rural-urbano existentes, nenhum aluno conseguiu responder à pergunta. Nota-se que em sua maioria, os alunos associaram rural como sinônimo de campo, e urbano como sinônimo de cidade. Essa dificuldade em identificar características dos espaços e em caracterizar relações entre eles, denota que os discentes desconhecem qualquer tipo de interdependência ou complementaridade e que suas visões sobre o tema possuem lacunas conceituais.

Depreende-se que há uma dificuldade na compreensão sobre a distinção entre os espaços, e estão reproduzindo uma visão que limita os espaços urbano e rural para uma categoria de sinônimos de campo e cidade, o que configura uma visão dicotômica, que ignora as características próprias de cada espaço, considerando o campo restrito à produção agropecuária e a cidade voltada para a produção industrial e ao fornecimento de bens e serviços para a população citadina e seu entorno (Hespanhol, 2013).

CONCEPÇÃO DOS DISCENTES DO 9º ANO

No processo de análise e obtenção de resultados com o 9º ano, foram entrevistados 10 alunos, de uma turma de 13 estudantes. Dos alunos ava-

liados, 50% são compostos pelo sexo masculino e os outros 50% pelo sexo feminino, com idades entre 13 a 15 anos.

Mediante ao entendimento sobre o que seria campo, predomina-se a concepção de um lugar onde destaca-se a agricultura e cultivo de alimentos, e onde há a presença de árvores e animais, com 70% das respostas. Os outros 20% dos alunos avaliados apontaram o campo como responsável por ter ar puro, enquanto os outros 10% indicaram como área rural de uma cidade. Em consideração ao que seria cidade, foram obtidas 10 percepções diferentes. Em suma, indicam como lugar agitado, do trabalho, em que há a permanência dos supermercados e mercadorias, além de ser o local em que estão inseridas as praças e lojas, e que oferece mais oportunidades de melhora de vida. Em contrapartida, também apontaram como um local extremamente barulhento e movimentado, responsável por uma grande poluição prejudicial à saúde.

Os alunos apresentam uma visão dualista do que é rural, sem distinguir claramente o campo. Para 60%, o rural refere-se a fazendas e sítios, associando-o a lavouras e trabalho. Os 40% restantes veem o rural de forma simbólica, com 20% o considerando um lugar de calma e os outros 20% como espaço para lazer. A análise mostra que os alunos não diferenciam campo e rural, tratando ambos como sinônimos, especialmente em relação às lavouras, agricultura e trabalho.

Sobre as concepções de urbano, 70% dos entrevistados compreendem como sinônimo de cidade, em que as pessoas vão trabalhar, fazer compras e ir ao médico. Os outros 20% indicam o espaço rural como o lugar do trabalho. Depreende-se que da mesma forma que ocorre nas concepções com campo e rural, a visão dicotômica acontece com as análises sobre urbano e cidade.

Quanto às relações entre o campo e a cidade, 50% dos entrevistados não souberam indicar nenhum exemplo, deixando sem respostas. Os outros 50% apontaram que as relações estão distribuídas nos aspectos de bens e serviços e principalmente em atividades de trabalho, sendo 40% na produção e colheita de alimentos que são vendidos para a cidade e

os outros 10% correspondem ao transporte que faz o deslocamento do campo para a cidade.

Diante do exposto, é perceptível uma dificuldade na aprendizagem acerca do tema proposto, em que poucos alunos responderam aos questionamentos, com análises aquém do esperado, caracterizando uma visão antagônica, reducionista e que reforça a necessidade de todos os agentes buscarem novos meios, novas metodologias que consigam inserir as relações entre campo-cidade e rural-urbano, de forma que cada um desses elementos tenham suas características enfatizadas, que marquem suas relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações desencadeadas pelo processo de urbanização, pautadas a partir do modo capitalista, estabeleceram novas relações na sociedade, sobretudo nos espaços urbano e rural, impulsionados pela difusão da ciência e da técnica que intensificaram as relações entre o campo e a cidade. A partir desse processo, surge a necessidade de discutir os conceitos rural e urbano e seus papéis na sociedade.

Os resultados obtidos diante da pesquisa constataam que há uma dificuldade significativa tanto dos alunos, quanto do docente em abordar o tema, resultando na compreensão de que o campo é tratado como sinônimo de rural e cidade é visto como a mesma coisa que urbano. Nesse sentido, constata-se uma visão dicotômica: sendo a cidade o local do comércio e o campo é necessariamente voltado para a produção, desprovido de tecnologias e técnicas.

A maioria dos alunos abordados, tanto dos anos iniciais, quanto os dos anos finais do ensino fundamental, não conseguiram demonstrar elementos de interdependência e complementaridades entre os espaços urbano e rural, tratando-os como opostos e sem qualquer tipo de vínculo. O espaço vivido dos discentes retrata uma dicotomia que vem sendo passada de gerações anteriores, como pais e avós desses alunos, que são agricultores e residem nas imediações do assentamento cavaco.

Depreende-se que o ensino de geografia ainda é pautado em critérios tradicionais, com maior abordagem no livro didático, embora o docente utilize outros meios didáticos, mas com menor frequência. Assim, as aulas são pautadas mais na experiência e no cotidiano dos alunos, limitando-os a compreender a geografia de maneira crítica e reflexiva.

Nesta pesquisa, o intuito não foi desenvolver novos conceitos ou tecer críticas aos agentes envolvidos, mas fazer uma análise que pudesse contribuir para o entendimento da temática de forma que todos saíssem ganhando com as discussões envolvidas. O papel da pesquisa foi levar o debate acadêmico para os alunos e o docente da escola rural, com o intuito de apresentar as dinâmicas rurais e urbanas aos alunos e apresentá-los ao mundo de forma diferente da que eles veem na escola.

Nesse caso, as dificuldades de compreensão do tema são notórias, nas duas turmas avaliadas. Os alunos não conseguiam responder as perguntas, trazendo a necessidade de realizar ações lúdicas e outras metodologias com o intuito de levar o conteúdo de maneira diferente, no qual eles pudessem absorver o máximo de conteúdo possível. Todavia, sobre a temática, o docente aborda campo e cidade de forma isolada, caracterizando o campo como lugar das plantações e a cidade como o lócus do comércio.

A pesquisa enfatiza que esse é um desafio a ser superado, ressaltando o papel da geografia como ciência e também como disciplina, a se reinventar e buscar novas formas de dar subsídios para as escolas, principalmente as rurais, que ainda buscam maior suporte e aparatos tecnológicos para oferecerem qualidade de ensino a seus alunos. A sociedade precisa estar ciente desses avanços e a academia precisa estar mais presente com a comunidade escolar, trazendo reflexões e eventos, trabalhando o avanço da ciência de forma concreta e material, buscando integrar os agentes em seus espaços vividos de acordo com a realidade que a sociedade está inserida geograficamente.

A realização da pesquisa não representa seu fim, pois há novos estudos, novos elementos a serem estudados. À luz do método dialético,

espera-se que novas pesquisas sobre as relações campo-cidade e rural-urbano nas aulas de geografia possam surgir, trazendo novos resultados, com avanços dos problemas detectados e com proposições para a sociedade

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL).

REFERÊNCIAS

ALVES, Flamarion D. **A relação campo-cidade na geografia brasileira: apontamentos teóricos a partir de periódicos científicos.** *Geografia: Ensino & Pesquisa*, v. 16, n. 3, 2012.

BATISTA, A. L. L. S. **A relação campo-cidade no ensino de geografia: uma análise do trabalho pedagógico com estudantes do fundamental II.** *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 10, n. 2, p. 124-143, 2018.

BIAZZO, Pedro Paulo. **Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária.** *IV Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa - ENGRUP*, Anais, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia e a cidade: Ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana.** 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia: Ensino e relevância social.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Düring: A revolução da ciência segundo o senhor Eugen Düring.** Tradução de Nélio Schneider. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. (Marx-Engels).

GIROTTI, E. D. **Da geografia da BNCC às geografias das escolas: tensão e resistências.** In: CÁSSIO, F.; JÚNIOR, R. C. (Orgs.). *Educação é a base? 23 educadores discutem a BNCC.* 1. ed. São Paulo: Ação Educativa, 2019. p. 195-204.

HESPANHOL, Rosangela A. de Medeiros. **Campo e cidade, rural e urbano no Brasil contemporâneo.** *Mercator*, Fortaleza, v. 12, n. 2, p. 103-112, set. 2013.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/al/uniao-dos-palmares.html>. Acesso em: 15 jul. 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, Marta I. M. **O conceito de espaço rural em questão.** *Terra Livre*, São Paulo, ano 18, n. 19, p. 95-112, jul./dez. 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Nova.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1980.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. São Paulo: EDUSP, [1996] 2008.

SOUZA, Caio M. de M.; FREITAS, André V. **A importância da relação cidade-campo no ensino de geografia na educação básica.** *Projeção e Docência*, Brasília, v. 7, n. 2, p. 95-105, 2016.

SOUZA, Marilsa Miranda de. **Imperialismo e educação do campo.** Araraquara, SP: Cultura Acadêmica, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/d180f992-73e2-4101-8fab-758650fd4fe4>. Acesso em: 3 maio 2022.

WHITACKER, A. M. **Campo e cidade. Cidades médias e pequenas: algumas proposições para a pesquisa e o debate.** In: LOPES, Diva M. L.; HENRIQUE, W. (Orgs.). *Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso.* Salvador: CEI, 2010. p. 187-194. (Série Estudos e Pesquisas, 87).